

# A SÍNTESE DO IOGA

*Sri Aurobindo*

## 13 – A Libertação da Natureza (I)

10.10.21

(Parte IV – Capítulo IX)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -  
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo  
2020 - 2022

1



## 8.2- O Desejo

- Tem um duplo *nodus* na natureza inferior:

Um nó interior no prana	Um nó sutil na alma
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma ânsia da força vital nos instrumentos:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- nas emoções: uma ânsia no coração;</li> <li>- na inteligência: uma ânsia, preferência de estética, ética, opiniões e julgamentos.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A buddhi como um primeiro suporte:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- uma vontade pela qual o secreto Espírito impõe em seus membros mais exteriores toda sua ação e retira delas um ativo deleite de seu ser.</li> </ul> </li> </ul>

Modo Passivo	Modo Ativo
Ser interiormente imóvel, sem esforço, desejo, expectativa ou qualquer direcionar-se para a ação.	Ser imóvel e impessoal na mente, mas permitir à suprema Vontade agir através dos instrumentos purificados.

## 8.3- O Ego

- No homem, é a idéia de ego que sobretudo suporta a falsidade de uma existência separativa:

Livrar-se dessa idéia (existência separativa) estabelecer-se na idéia oposta de unidade, do si, do uno, do espírito uno, o ser uno da natureza	Purificar os instrumentos inferiores (mente sensorial - prana - corpo) de desejo, querer, vontade egoísticos, paixão egoística, emoção egoística, e a própria buddhi de idéia e preferência egoísticas
--	--

Há uma existência, um si supremo, espírito transcendente, uma alma de existência atemporal, um eterno, um divino, ou supra-divino, um grande Espírito universal.	O indivíduo é um poder consciente de ser do Eterno, capaz eternamente de relações com ele, mas uno com ele em cada cerne de realidade de sua própria eterna existência.
--	---

Para livrar-se dessa separatividade, o modo proposto pelo Yoga integral é:  
- Um elevar-se e entregar-se de todo ser ao Divino -

Os dois lados de nosso ser  
– a alma consciente que experiencia  
e a Natureza executora que oferece suas experiências à alma  
de modo contínuo e diverso –  
determinam por seu encontro  
tudo que afeta nossa condição interior e suas reações.

A Natureza contribui,  
e determina o caráter dos eventos  
e as formas dos instrumentos da experiência;

a alma responde por  
uma aceitação das determinações naturais da reação a esses eventos  
ou por uma vontade de outra determinação,  
que ela impõe à natureza.

5

O consentimento da consciência do ego instrumental  
e as vontades do desejo  
são a autorização inicial à queda do self nas regiões inferiores da experiência,  
em que ele esquece a natureza divina de seu ser;

a rejeição desses dois elementos,  
e o retorno ao self livre e à vontade do deleite de ser divino,  
é a libertação do espírito.

Porém, do outro lado,  
encontram-se as contribuições da própria Natureza para a mistura emaranhada:

os atos e as obras que ela impõe à experiência da alma,  
uma vez que essa primeira autorização original foi dada  
e tornou-se a lei de todas as transações exteriores.

6

As contribuições essenciais da Natureza são duas:  
as *gunas* e as dualidades.

A ação inferior da natureza na qual vivemos  
tem certos modos qualitativos essenciais  
que constituem toda a base dessa inferioridade.

O efeito constante desses modos na alma  
e em seus poderes naturais, mente, vida e corpo,  
é uma experiência de discórdia e divisão,  
uma luta de contrários, *dvandva*,  
uma moção em toda sua experiência  
e uma oscilação entre pares de contrários constantes  
ou uma mistura de pares, de positivos e negativos combinados:  
as dualidades.

7

Uma libertação completa do ego e da vontade de desejo  
deve nos elevar acima dos modos qualitativos da Natureza inferior, *traigunyatitya*,  
nos libertar dessa experiência misturada e discordante,  
fazer cessar ou anular a ação dual da Natureza.

Mas desse lado também existem dois tipos de liberdade.  
Uma libertação da Natureza na beatitude quiescente do espírito  
é a primeira forma de libertação.

Uma outra libertação da Natureza na qualidade divina  
e em um poder espiritual de experiência do mundo,  
preenche essa calma suprema de uma suprema beatitude cinética  
de conhecimento, poder, alegria e mestria.

Uma unidade divina do espírito supremo  
e de sua natureza suprema é a libertação integral.

8

A Natureza, por ser um poder do espírito  
 é, em essência, qualitativa em sua ação.

Poder-se-ia quase dizer que a Natureza  
 é apenas um poder de existência  
 e o desdobramento na ação  
 das qualidades infinitas do espírito, *anantaguna*.

Tudo o mais pertence a seus aspectos externos e mais mecânicos;  
 mas esse jogo de qualidades é a coisa essencial,  
 de que o resto é o resultado e a combinação mecânica.

Uma vez que o modo de funcionar desse poder essencial  
 e de suas qualidades foi retificado,  
 tudo o mais torna-se sujeito ao controle do *Purusha* experimentador.

9

Porém, na natureza inferior das coisas,  
 o jogo das qualidades infinitas está sujeito a uma medida limitada,  
 a um modo de funcionar dividido e antagônico,  
 a um sistema de contrários e de discórdias,  
 entre os quais é preciso encontrar e manter em ação  
 algum sistema de concórdia versátil e prático;

esse jogo de discórdias concordantes,  
 de qualidades em conflito,  
 de poderes e de modos de experiência díspares  
 que são impelidos a algum acordo parcial apenas manejável  
 e, na maioria das vezes, precário,  
 a um equilíbrio instável e mutável,  
 é governado pela ação fundamental de três modos qualitativos  
 que se conflitam e se combinam em todas as criações da Natureza.

10

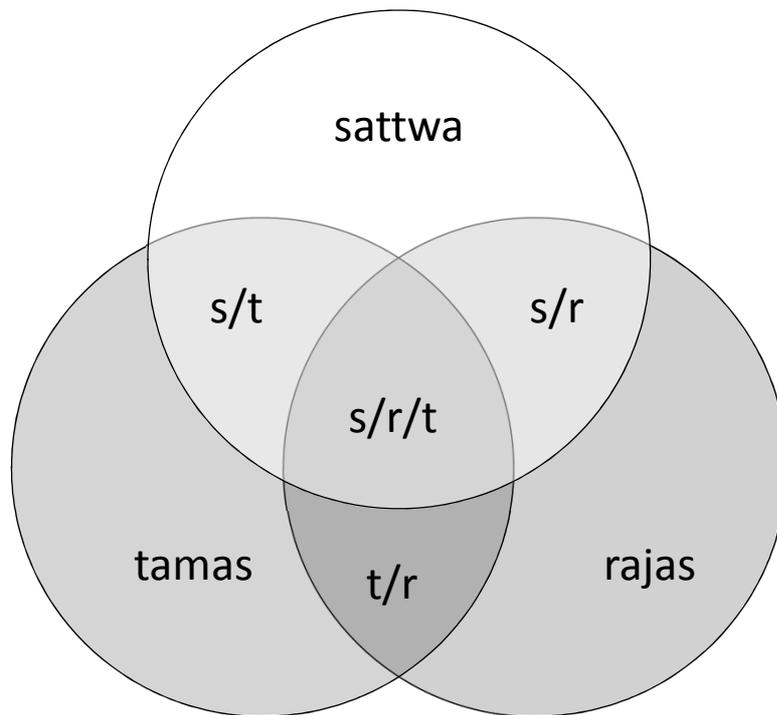
Esses três modos,  
segundo o sistema do *Sankhya*  
– que, em geral, é adotado para esse propósito  
por todas as escolas de pensamento filosófico e de loga na Índia –  
receberam três nomes,  
*sattva*,  
*rajas* e  
*tamas*.

*Tamas* é o princípio e o poder da inércia;  
*rajas* é o princípio cinético, da paixão,  
do esforço, da iniciativa (*arambha*);  
*sattva* é o princípio da assimilação,  
do equilíbrio e da harmonia.

11



12

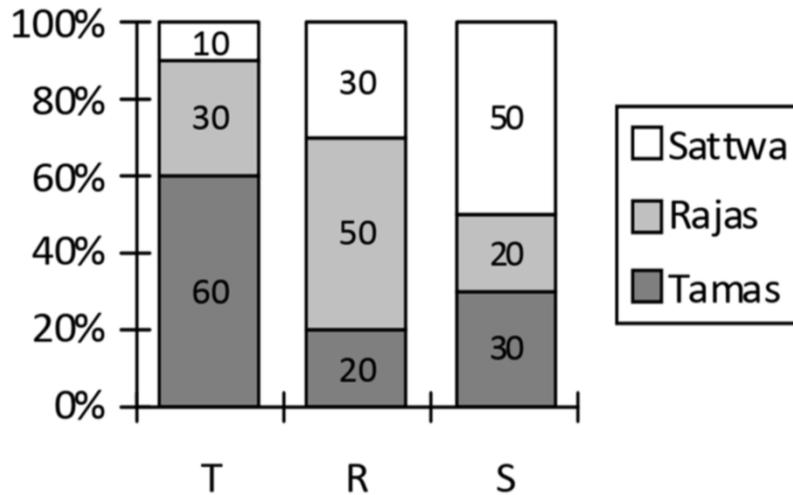


13

O aspecto metafísico dessa classificação não nos diz respeito, mas em seu aspecto psicológico e espiritual é de uma importância prática imensa, porque esses três princípios se encontram em todas as coisas, e se combinam para lhes dar a tendência de sua natureza ativa, de seus resultados e de sua execução, e a desigualdade de seu modo de funcionar na experiência da alma é a força que constitui nossa personalidade ativa, nossa índole, nosso tipo de natureza e molda nossa resposta psicológica à experiência.

Todo o caráter de nossa ação e de nossa experiência é determinado pela predominância ou pela proporção da interação entre essas três qualidades, ou modos, da Natureza

14



15

A alma, em sua personalidade, é obrigada, podemos dizer,  
a conformar-se aos moldes delas,  
e com mais frequência é governada por elas em lugar de governá-las livremente.

A alma só poderá ser livre  
ao elevar-se acima do conflito atormentado da ação desigual das *gunas*  
e ao rejeitar suas concórdias e combinações insuficientes  
e suas harmonias precárias,  
seja por uma quiescência completa do caos semirregulado de suas ações,  
seja encontrando uma posição superior  
em relação a essa tendência inferior da natureza,  
e por uma mestria ou uma transformação de suas operações.

Deve haver uma ausência de *gunas* ou uma superioridade às *gunas*.

16

As *gunas* afetam todas as partes de nosso ser natural.

De fato, seu bastião mais forte situa-se  
em cada uma das três partes de nossa natureza:  
a mente, a vida e o corpo.

*Tamas*, o princípio de inércia,  
é mais forte na natureza material e em nosso ser físico.

A ação desse princípio é de dois tipos:  
a inércia da força e a inércia do conhecimento.

Tudo que é governado de maneira predominante por *tamas*  
tende, em sua força, a uma inação e a uma imobilidade apática,  
ou então a uma ação mecânica que não é sua,  
mas provém de forças obscuras  
que o fazem girar em um círculo mecânico de energia;

17

do mesmo modo, em sua consciência,  
tudo que é governado por *tamas* tende a uma inconsciência  
ou a uma subconsciência velada,  
ou a uma ação consciente relutante, morosa ou, de certo modo, mecânica,  
que não possui a noção de sua própria energia  
mas é guiada por uma ideia que lhe parece externa  
ou, pelo menos, escondida de sua percepção ativa.

Assim, em seu princípio, nosso corpo é, em sua natureza, inerte, subconsciente,  
incapaz de tudo exceto de uma direção e ação mecânicas e rotineiras;

embora ele tenha, como tudo o mais, um princípio cinético  
e um princípio de equilíbrio próprios ao seu estado e à sua ação,  
um princípio inerente de resposta e uma consciência secreta,  
a maioria de suas moções *rajásicas* vêm do poder de vida  
e toda a consciência manifesta vem do ser mental.

18

O princípio de *rajas* tem seu bastião mais forte na natureza vital.

É a Vida em nós que é o motor dinâmico mais forte,  
 mas o poder de vida nos seres terrestres  
 é possuído pela força de desejo  
 e, portanto,  
*rajas* se orienta sempre para a ação e para o desejo;

desejo é o mais poderoso motivador da maioria das energias e dos atos,  
 seja do ser humano, seja do animal  
 – a tal ponto predominante que  
 muitos o consideram o pai de toda ação  
 e mesmo o criador de nosso ser.

19

Ademais, por se encontrar em um mundo de matéria  
 que parte de um princípio de inconsciência  
 e de uma inércia movida de maneira mecânica,  
*rajas* tem que operar contra uma imensa força contrária;

portanto, toda sua ação assume a natureza de um esforço,  
 de uma luta para possuir,  
 um conflito em que ele é assaltado a cada passo  
 por uma incapacidade limitante,  
 pelas decepções e pelo sofrimento:

mesmo seus ganhos são precários e limitados,  
 afetados pela reação ao esforço  
 e pelo ressaibo da insuficiência e do transitório.

20

O princípio de *sattva* tem seu bastião mais forte na mente;  
 não tanto nas partes inferiores da mente,  
 que são dominadas pelo poder de vida *rajásico*,  
 mas sobretudo na inteligência e na vontade racional.

A inteligência, a razão, a vontade racional  
 são levadas, pela natureza de seu princípio predominante,  
 a fazer um esforço constante para assimilar:

assimilação pelo conhecimento,  
 assimilação por um poder de vontade inteligente;  
 a um esforço constante para chegar a um equilíbrio,  
 a certa estabilidade,  
 a certa norma e harmonia  
 dos elementos conflituosos das experiências  
 e dos eventos naturais.

21

Essa satisfação ele obtém de diversas maneiras  
 e suas aquisições são de graus diversos.

A assimilação, o equilíbrio e a harmonia obtidos  
 trazem sempre consigo uma sensação de bem-estar,  
 de felicidade, de mestria e de segurança relativa,  
 mas mais ou menos intensa e satisfatória,  
 que é diferente dos prazeres intensos e perturbadores  
 outorgados de modo precário  
 pela satisfação do desejo e da paixão *rajásicos*.

A luz e a felicidade  
 são as características da *guna*, ou qualidade, *sátvica*.

A natureza inteira do ser mental encarnado  
 é determinada por essas três *gunas*.

22

Mas essas *gunas* são apenas poderes  
mais ou menos predominantes  
em cada parte de nosso sistema complexo.

As três qualidades misturam-se,  
combinam-se e rivalizam  
em cada fibra e em cada elemento  
de nossa psicologia intrincada.

O caráter mental é moldado por elas  
– o caráter de nossa razão, de nossa vontade,  
de nosso ser moral, estético, emocional,  
dinâmico e sensorial.

23

*Tamas* traz toda a ignorância, toda a inércia, fraqueza, incapacidade  
que afligem nossa natureza,  
uma razão enevoada, a insciência, a ininteligência,  
uma aderência tenaz às noções costumeiras e às ideias mecânicas,  
a recusa a pensar e a conhecer, a mente pequena, as vias fechadas,  
o trotar dos hábitos mentais que giram em círculos,  
os lugares obscuros e crepusculares.

*Tamas* traz a vontade impotente,  
a falta de fé, de autoconfiança e de iniciativa,  
a aversão a agir, o recuo diante do esforço e da aspiração,  
o espírito pobre e pequeno  
e, em nosso ser moral e dinâmico,  
a inércia, a covardia, a baixeza, a preguiça,  
a sujeição débil aos motivos pequenos e ignóbeis,  
a submissão complacente à nossa natureza inferior.

24

*Tamas* introduz em nossa natureza emocional  
a insensibilidade, a indiferença, a falta de simpatia e de abertura,  
a alma fechada, o coração endurecido, uma afeição que logo termina,  
o langor dos sentimentos;

em nossa natureza estética e sensorial  
a sensibilidade obtusa, a limitada gama de reações, a insensibilidade à beleza,  
tudo que caracteriza o espírito humano grosseiro, pesado e vulgar.

*Rajas* traz à nossa natureza ativa comum todo o seu bem e todo o seu mal.

Quando não corrigido por um elemento suficiente de *sattva*,  
ele leva ao egoísmo, à teimosia e à violência  
e se serve da razão de maneira exagerada e obstinada ou degradada;

25

*rajas* traz os preconceitos,  
o apego às opiniões, a aderência ao erro,  
submete nossa inteligência aos desejos e às preferências  
e não à verdade,  
cria a mente fanática e sectária,  
a teimosia, o orgulho, a arrogância, o egoísmo, a ambição,  
a luxúria, a avidez, a crueldade, o ódio, a inveja,  
os egoísmos do amor, todos os vícios e paixões,  
os exageros da sensibilidade,  
a morbidez e as perversões do ser vital e sensorial.

Por si mesmo,  
*tamas* produz um tipo de natureza humana  
grosseira, obtusa e ignorante;  
*rajas* produz o indivíduo vivaz, agitado, cinético,  
levado pelo sopro da ação, da paixão e do desejo.

26

*Sattva* produz um tipo superior.

Os dons de *sattva* são uma mente de razão e equilíbrio,  
a clareza de uma inteligência aberta e desinteressada em busca da verdade,  
uma vontade subordinada à razão ou guiada pelo espírito ético,  
o autocontrole, a equanimidade, a calma,  
o amor, a simpatia, o refinamento,  
a medida, a fineza da mente estética e emocional,  
a delicadeza do ser sensorial,  
a aceitação justa, a moderação e o equilíbrio,  
uma vitalidade moderada  
e governada por uma inteligência mestra de si mesma.

O tipo completo do indivíduo *sátvico*  
é o filósofo, o santo, o sábio;  
o tipo do indivíduo *rajásico* é  
o estadista, o guerreiro, o homem de ação poderoso.

27

Mas em cada ser humano encontra-se,  
em proporção maior ou menor,  
uma mistura das *gunas*, uma personalidade múltipla  
e, na maioria,  
um bom número de câmbios e alternâncias  
entre a predominância de uma ou de outra *guna*;  
mesmo na tendência dominante de sua natureza,  
a maioria dos seres humanos é de tipo misturado.

Toda as cores e toda a variedade da vida  
são feitas a partir do modelo intrincado da tecedura das *gunas*.

28

Mas a riqueza da vida,  
mesmo uma harmonia *sátvica* da mente e da natureza,  
não constitui a perfeição espiritual.

Uma perfeição relativa é possível,  
mas é a perfeição da incompletude:  
certa altura, força, beleza parciais,  
certa medida de nobreza e de grandeza,  
um equilíbrio imposto e sustentado de maneira precária.

É possível conseguir um domínio relativo,  
mas é a vida que domina o corpo,  
ou então a mente que domina a vida,  
não é uma livre posse dos instrumentos  
pelo espírito livre e auto-possuidor.

As *gunas* devem ser transcendidas, se quisermos alcançar a perfeição espiritual.

